

CICLO DE CINEMA,
CONVERSAS E CONFERÊNCIAS

27 SET 17:00



JEAN-MARIE STRAUB E DANIELE HUILLET RETROSPETIVA INTEGRAL

*CRÓNICA DE ANNA MAGDALENA BACH
O NOIVO, A ATRIZ E O PROXENETA*

SERRAVES
CASA DO CINEMA MANOEL DE OLIVEIRA

SESSÃO 2 27 SET, 17:00

Com apresentação de Cristina Fernandes

CHRONIK DER ANNA MAGDALENA BACH CRÓNICA DE ANNA MAGDALENA BACH, 1967

Realização, argumento e montagem: Jean-Marie Straub e Danièle Huillet

Texto: *Nekrolog* (1754) de Carl Philipp Emanuel Bach e J. F. Agrícola; memórias e correspondências de Johann Sebastian Bach; outros documentos de época

Direção de fotografia: Ugo Piccone, Saverio Diamanti e Giovanni Canfarelli

Guarda-roupa: Vera Poggioni e Renata Morroni

Caraterização: Todero Guerrino

Música: Johann Sebastian Bach

Direção de som: Louis Hochet, Lucien Moreau e Paul Schöler

Música: Johann Sebastian Bach

Interpretação: Gustav Leonhardt (Johann Sebastian Bach), Christiane Lang (Anna Magdalena Bach), Joachim Wolff (reitor), Paolo Carlini (Höfel) e Ernst Castelli (Steger).

Produtores: Jean-Marie Straub, Danièle Huillet, Gian Vittorio Baldi e Franz Seitz

Produção: Straub-Huillet, Franz Seitz Filmproduktion, Gianvittorio Baldi IDI Cinematografica, Kuratorium Junger Deutscher Film, Hessischer Rundfunk, Filmfonds e.V. e Telepool

Cópia: 35mm, preto e branco, 1:1.37, a exibir em formato DCP

Duração: 94 minutos

País: Alemanha Ocidental / Itália

Estreia: Festival de Cinema de Utrecht, 3 de fevereiro de 1968

DER BRÄUTIGAM, DIE KÖMÖDIANTIN UND DER ZUHALTER O NOIVO, A ATRIZ E O PROXENETA, 1968

Realização, argumento e montagem: Jean-Marie Straub e Danièle Huillet

Texto: *Krankheit der Jugend* [Doença da Juventude, 1926] de Ferdinand Bruckner; poemas *Cântico Espiritual* e *Romancero* de Juan de la Cruz

Direção de fotografia: Klaus Schilling e Hubs Hager

Direção de som: Klaus Eckelt, Herbert Linder e Peter Lütz

Música: Johann Sebastian Bach

Interpretação: Irm Herrmann (Désirée), Kristin Peterson (Irene), Hanna Schygulla (Lucy), Peer Raben (Alt / Willy), Rudolf Waldemar Brem (Petrell), Jimmy Powell (James), Lilith Ungerer (Lilith / Marie) e Rainer Werner Fassbinder (proxeneta / Freder).

Produtores: Klaus Hellwig e Danièle Huillet

Produção: Janus Film und Fernsehen

Cópia: 35mm, preto e branco, 1:1.37, a exibir em formato DCP

Duração: 24 minutos

País: Alemanha Ocidental

Estreia: Festival de Cinema de Mannheim, 10 de outubro de 1968

No processo de forjar a sua própria lógica cinematográfica, Jean-Marie Straub e Danièle Huillet levaram alguns dos axiomas mais comuns do cinema de ficção narrativo às últimas consequências. E, alguns deles, até mesmo a pontos de rutura. Entre esses, a ideia de género foi uma das convenções desconstruídas por Straub-Huillet. Enquanto *Crónica de Anna Magdalena Bach* poderá ser encarado, entre outras designações, como uma nova conceção de filme musical, a extrema polifonia intertextual da curta-metragem *O noivo, a atriz e o proxeneta* desafia qualquer convenção genérica.

Continuando a senda da história e cultura germânica dos primeiros filmes, *Crónica de Anna Magdalena Bach* foi o resultado do projeto longamente acalentado pelo casal de realizadores desde meados dos anos 50. O filme é construído com base em textos, correspondência e outros documentos, como o *Necrológio* de Carl Philipp Bach, filho de Johann Sebastian Bach, embora seja, de facto, a música do compositor alemão a verdadeira matéria-prima do filme. Não obstante toda a minúcia histórica, o dispositivo de organização narrativa do filme - a crónica da esposa de Bach, em forma de diário, para a qual o título do filme remete - é perfeitamente ficcional, isto é, seguindo umas das máximas de Rossellini, num filme biográfico, as únicas liberdades que poderão ser tomadas referem-se à ordem e estrutura dos acontecimentos, e nunca aos próprios acontecimentos.

Muito para além do que se entende por filme musical ou biográfico, e atendendo aos vários momentos onde os músicos executam, em som direto e envergando trajes de época, as partituras de Bach sob a direção de Gustav Leonhardt (que assume a figura de Bach no filme, muito

embora não fosse ator, antes um músico holandês especializado, entre outros, em Bach e um virtuoso do cravo), o filme acentua o seu compromisso com os factos que invoca, uma vez que os momentos musicais ocorrem até nos mesmos locais onde haviam sido originalmente tocados.

Para além de toda a importância documental e histórica (mas também materialista), o que aqui está em causa, como refere Straub, é “uma história de amor que não se parece a nenhuma outra: uma mulher que fala do seu marido, que amou até à morte. É isto, a história: nenhuma biografia pode ser feita sem um ponto de vista exterior e aqui este ponto de vista é a consciência de Anna Magdalena Bach”. Na sua desconstrução e reconfiguração do género, *Crónica de Anna Magdalena Bach* representa uma instância verdadeiramente inovadora nos géneros biográfico e musical.

De seguida, Straub-Huillet concluem a sua segunda curta-metragem, que constitui a primeira instância onde os materiais de origem apresentam uma enorme disparidade. Mas é precisamente na relação dialéctica entre essas várias fontes - música de Bach, uma peça de Bruckner (retrabalhada e encenada por Straub e interpretada pelo Action Theater de Rainer Werner Fassbinder e a sua trupe de atores/colaboradores) e poemas do frade místico Juan de la Cruz - que a polifonia de *O noivo, a atriz e o proxeneta* se transforma num eloquente exemplo da natureza curatorial que Straub-Huillet assumem quando trabalham textos de forma fragmentada.

Straub resumizou *O noivo, a atriz e o proxeneta* como um “filme-filme”, distanciando-o de *Machorka-Muff*, que “era um filme de vampiros; *Não Reconciliados*, um filme místico; a *Crónica de Anna*

Magdalena Bach, um filme marxista” e, de todos eles, o mais aleatório e político, até mesmo por ser “baseado num noticiário (não há nada mais político do que um noticiário”. Esta indissociação entre política, arte e estética, e em especial a seriedade e o radicalismo de cada um destes gestos reflete muitos dos propósitos daquela que viria a ser chamada a Nova Vaga Alemã, na sua rejeição da indústria cinematográfica e dos imperativos comerciais, e na determinação em perseguir o objetivo artístico da sua prática. Jean-Marie Straub foi signatário do segundo manifesto de Oberhausen, de 1965, tendo sido também o seu redator.

Pedro Crispim

PRÓXIMAS SESSÕES

01 OUT | DOM | 17:00

Com apresentação de Luis Miguel Cintra

**LES YEUX NE VEULENT PAS EN TOUT TEMPS SE FERMER OU
PEUT-ÊTRE QU'UN JOUR ROME SE PERMETTRA DE CHOISIR À
SON TOUR (OTHON) | OS OLHOS NÃO QUEREM ESTAR SEMPRE FECHADOS OU
TALVEZ UM DIA ROMA SE PERMITA ESCOLHER POR SUA VEZ (OTHON)**

Jean-Marie Straub e Danièle Huillet | FRA, ITA | 88 min. | 1969

04 OUT | QUA | 17:00

Com apresentação de Luís Urbano

GESCHICHTSUNTERRICHT | LIÇÕES DE HISTÓRIA

Jean-Marie Straub e Danièle Huillet | FRA, ITA | 88 min. | 1972

www.serralves.pt

 /fundacao_serralves

 /fundacaoserralves

 /fundacaoserralves

 /serralves

Fundação de Serralves

Rua D. João de Castro, 210
4150-417 Porto – Portugal

serralves@serralves.pt

Linhas gerais:

(+351) 808 200 543

(+351) 226 156 500

Chamadas para a rede
fixa nacional.



Apoio institucional

